

Gestão Social: epistemologia de um paradigma

Social management: a paradigm of epistemology

Lauro Santos Pinheiro¹
Miguel Pacífico Filho²

RESENHA

CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. *Gestão Social: epistemologia de um paradigma*. Curitiba, PR: CRV, 2013.

RESUMO

O livro apresenta uma proposta de delimitação conceitual da gestão social baseado na perspectiva do que pode ser considerado ciência. O intuito é tornar mais objetiva a discussão epistemológica da gestão social. Portanto, parte-se do pressuposto de que gestão social é um campo do conhecimento, segundo alguns critérios de demarcação.

Palavras-chave: Gestão Social; Ciência; Paradigma.

ABSTRACT

The book presents a proposal for a conceptual definition of social management based on the perspective of what can be considered science. The intent is to make more objective epistemological discussion of social management. Therefore, one starts from the assumption that social management is a field of knowledge, according to some criteria of demarcation.

Keywords: Social Management; Science; Paradigm.

¹ Bacharel em Administração (UEMA), Mestre em Desenvolvimento Regional (UFT), professor de Administração do IFMA Campus Imperatriz. E-mail: lauro.pinheiro@ig.com.br.

² Graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) (1996), bolsista do programa PET/CAPES. Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) (1999), bolsista CAPES. Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) (2004), bolsista FAPESP. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Trabalho, Economia Solidária e Gestão Social. Professor Adjunto II do Curso de Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Tocantins UFT, Campus de Araguaína. E-mail: miguilim01@terra.com.br.

O livro *Gestão Social: epistemologia de um paradigma* oferece discussões capazes de torná-la um dos componentes relevantes para o entendimento e o desenvolvimento epistemológico do conceito de gestão social. Lançada dia 26 de novembro de 2013, na UFBA, a obra parte do pressuposto de que a Gestão Social constitui um campo de conhecimento científico com fundamentos teóricos específicos e desenvolve, a partir daí, base argumentativa no sentido de defender que suas propostas são também a base para uma delimitação dessa área como um campo de conhecimento específico.

Não expõem deliberadamente o que consideram como “verdade científica” sobre gestão social, muito menos expõem conceitos a partir de generalizações. Em resumo, a obra, como um todo, traz à discussão toda a construção, ainda que recente, do entendimento epistemológico do termo gestão social e busca contribuir apresentando critérios de demarcação da ciência para a gestão social, ou seja, o que todo campo do conhecimento deve atender para ser considerada ciência.

Destaca-se nesta obra o consolidado histórico de envolvimento em pesquisas e publicações dos autores com o objeto de estudo do livro. Airton Cardoso Cançado é pós-doutor (EBAPE/FGV), doutor (UFLA) e mestre (UFBA) em Administração, também é professor da UFT e coordenador do Núcleo de Economia Solidária da UFT (NESol); José Roberto Pereira é doutor em Sociologia (UNB) e mestre em Administração (UFLA), também é coordenador do mestrado profissional em Administração Pública da UFLA, e orientador no mestrado e doutorado em Administração da UFLA; Fernando Guilherme Tenório, tem pós-doutorado pela Universitat Autònoma de Barcelona – UAB, é professor titular da EBAPE/FGV e professor colaborador da UNIJUÍ, UFBA e UFT. Tenório participou da primeira reunião dos pesquisadores que deu origem à Rede de Pesquisadores em Gestão Social (RGS), da qual todos os autores deste livro participam ativamente.

Destacamos também que a RGS promove anualmente o principal evento de discussão e disseminação sobre gestão social, o Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS), e é realizado desde 2007. Os professores Airton Cançado e José Roberto já assumiram a coordenação geral de duas edições do evento, 2008 em Palmas – TO e 2010 em Lavras – MG, respectivamente.

O livro apresenta uma evolução conceitual coerente dos assuntos abordados entre os capítulos. Os dois primeiros capítulos deixam claro o tom de cientificidade ao tratamento epistemológico da gestão social. No primeiro capítulo, *Mudança Estrutural do Conhecimento Científico*, discutem sobre os critérios de demarcação da ciência, e para isso, partem dos precursores, como Descartes (1596-1650) e Augusto Comte (1798-1857), este, sendo o responsável pela estruturação do positivismo. Em seguida, no propósito de responder à questão: mas o que é ciência, afinal? Apresentam a perspectiva de importantes autores, que discutem os limites do que pode ser considerado como ciência.

O início das discussões ocorrem através da apresentação das perspectivas que definem ciência a partir das ciências naturais, como Popper, que propõe a Falseabilidade como critério de demarcação, ou seja, as teorias devem ser passíveis de ser testadas e refutadas ou corroboradas. A seguir busca-se argumentos em Thomas Kuhn, que trabalha os conceitos de paradigma, ciência normal, anomalia, crise e revolução científica. Em outras palavras, a proposta de Kuhn está centrada na aquisição do primeiro paradigma, caracterizada como matriz disciplinar, ou seja, um campo só pode ser considerado ciência se sustentar uma tradição de ciência normal. Abordam Lakatos, que trabalha com os seguintes conceitos centrais: programas de investigação científica, que é o critério de demarcação da ciência e é onde deve existir uma série de teorias com um núcleo irrefutável; heurística positiva, centrada em desenvolver as variantes refutáveis do programa; e heurística negativa, que define o núcleo firme do programa, que é irrefutável por decisão metodológica dos pesquisadores.

Dando continuidade, Feyerabend é a proposta, dentre as apresentadas pelos autores, mais aberta. O autor discorda de que exista um padrão de desenvolvimento da ciência. Portanto, o princípio básico

defendido pelo autor é o da contraindução. Concepção que se aproxima da questão da competição dos programas de investigação de Lakatos. Assim, não há um critério de demarcação para Feyerabend, desta forma, vale tudo; e a característica da ciência é a criação de hipóteses contraditórias (contraindução).

Por fim, dentre as perspectivas que partem das ciências naturais, Chalmers defende que não existe um conceito único de ciência, e tem como característica a meta da ciência (objetivo da ciência), os métodos, que são os recursos para alcança-los e o sucesso obtido, que são as condições de auferir os resultados.

A partir da perspectiva que parte das ciências sociais, Santos e Demo se destacam, na visão dos autores. Boaventura de Souza Santos aborda a superação da distinção entre senso comum e ciência, através da dupla ruptura epistemológica, ou seja, a primeira é a ruptura com o senso comum, para o desenvolvimento da ciência e a segunda, é uma ruptura com a primeira, recuperando a importância do senso comum, criando “um conhecimento prático esclarecido”, condição fundamental para a emancipação do homem. A característica da ciência, nessa perspectiva, é produzida no contexto da comunidade científica. Por fim, Demo trabalha com critérios de discutibilidade para a demarcação científica. São critérios internos (Coerência, Consciência, Originalidade e Objetivação) e critério externo (intersubjetividade). Os autores concluem que a proposta de Demo se aproxima da proposta de Santos na medida em que as duas consideram a importância das ciências (principalmente as sociais) na mudança da própria sociedade.

O segundo capítulo trata de apresentar uma proposta de interpretação das ciências sociais baseada nos paradigmas de Kuhn, especialmente o caso da Administração.

O terceiro capítulo traz à luz da discussão a gestão social no contexto histórico e teórico das relações entre Estado, mercado e sociedade. Neste capítulo, são abordados os processos históricos de rupturas de poder, está dividido em três seções: a administração patrimonialista, através do Estado absolutista; a administração burocrática, que foi a primeira ruptura do poder centralizado no Estado, formando-se o mercado capitalista. Por último, a segunda ruptura de poder do Estado, a gestão social, dando origem à sociedade democrática contemporânea. Concluem, portanto, que gestão social

surge como contraponto à gestão burocrática do Estado e o do Mercado, para cuidar do interesse público não estatal e alcançar o bem comum na perspectiva republicana. Nesse sentido, a gestão social pode ser delimitada como uma ação gerencial dialógica voltada para o interesse público não estatal e para a realização do bem comum (p. 103).

O quarto capítulo trata especificamente da produção do conhecimento científico sobre gestão social. Está estruturado de forma sistemática e de fácil compreensão, a fim de se ter o entendimento sobre a construção histórica do conceito de gestão social, bem como a situação da discussão atual.

Para isso, discutiram as primeiras concepções conceituais sobre gestão social no Brasil. Em resumo, o primeiro texto, identificado pelos autores, que tratou da gestão social sob a perspectiva conceitual, foi o de Fernando Tenório, na Revista de Administração Pública em 1998, e concluem que o termo gestão social encontra-se, ainda, em fase de elaboração, mas já se consolidou como prática, mesmo ainda sem ter um consenso sobre o termo. Posteriormente, foram evidenciadas as críticas ao conceito de gestão social e, por fim, demonstradas as características do entendimento da gestão social, fundamentado em tudo o que foi exposto até então.

O último tópico desse capítulo apresenta as primeiras aproximações em relação à delimitação do campo da gestão social. A partir de então, iniciam um processo decisivo de discussão, visto que buscam contribuir com uma proposta real à consolidação de seu objeto de estudo. Assim, a comunidade científica envolvida com esse objeto de pesquisa, tem a oportunidade de refutar ou corroborar com a tese apresentada, e, portanto, de acordo com o objetivo proposto, abrir a possibilidade de discussão, no âmbito

científico, para a delimitação epistemológica do termo.

Observa-se tentativa de evidenciar as características básicas para a gestão social, baseada em todas as análises e discussões empreendidas até aqui. A *tomada de decisão coletiva* perpassa toda a discussão realizada; abordam também a participação como característica central na gestão social; além disso, a tomada de decisão é baseada no *entendimento* e não na negociação; emerge a partir desse entendimento a *dialogicidade*; a *transparência* surge como condição necessária para as outras características; e, por fim, tem-se a *emancipação* como objetivo e resultado da gestão social. Dessa forma, como esforço para delimitar o campo, tem-se que

A gestão social é a tomada de decisão coletiva, sem coerção, baseada na inteligibilidade da linguagem, na dialogicidade e entendimento esclarecido como processo, na transparência como pressuposto e na emancipação na condição de fim último (p. 132).

O último capítulo do livro traz o cerne da proposta para a construção conceitual da gestão social. Expõem-se os argumentos iniciais para subsidiar a construção das bases conceituais fundamentada nas Categorias Teóricas identificadas na literatura. As Categorias Teóricas são: Interesse Bem Compreendido; Comunidades de Prática; Democracia Deliberativa; Dialogicidade; Emancipação; Interorganizações; Intersubjetividade; Racionalidade; Esfera Pública; Solidariedade; e Sustentabilidade. Onde, as três principais Categorias são: Interesse Bem Compreendido; Esfera Pública e Emancipação. As outras são classificadas como categorias complementares destas.

Alertam (p. 168) que não é pretensão engessar o campo nem adotar uma postura prescritiva. É importante destacar que as Categorias Teóricas são resultado da pesquisa dos trabalhos da área e, partindo desse entendimento, foi construído o arcabouço das Categorias. Portanto, as categorias são resultado da percepção sobre a produção nesse campo de estudo e não uma criação baseada em qualquer outro critério.

Para finalizar, apresentam o último tópico: Gestão Social como Campo do Conhecimento Científico, e com isso aproximam tudo o que foi discutido até então sobre gestão social com o primeiro capítulo do livro. O Quadro 5.2 do livro (p. 171), traz um resumo interessante sobre os critérios de demarcação da ciência apresentados no primeiro capítulo, que serve de base para a discussão e aproximação dessas perspectivas com os critérios de delimitação científica da gestão social. Visto a limitação do espaço para a discussão de cada abordagem, reproduz-se o Quadro 5.3 do livro, que traz uma visão abrangente sobre essa discussão.

Autores	Critério de Demarcação	Resultado	Comentários
Popper	Falseabilidade	Sim	A proposta de delimitação do campo da Gestão Social é falsificável.
Kuhn	Aquisição do 1º paradigma	Não	A gestão social ainda é um campo pré-paradigmático e esta proposta de delimitação tem o objetivo de caminhar na construção do 1º paradigma.
Lakatos	Constituir um Programa de	Não	A gestão social, apesar de apresentar um esboço

	Investigação científica		inicialmente de núcleo, heurística negativa e heurística positiva, ainda não apresenta as condições necessárias à constituição de um programa de investigação científica.
Feyerabend	Não há um critério de demarcação, vale tudo	Sim	Para que o campo avance a constringência é recomendada pelo autor.
Chalmers	Não existe um conceito único de ciência	Sim	a proposta de delimitação do campo da gestão social possui uma meta da ciência e tem um bom grau de fertilidade.
Santos	1ª Ruptura Epistemológica, ou seja, o rompimento com o senso comum constitui a base para a 2ª ruptura, em que a ciência dialoga com o senso comum produzindo um “conhecimento prático esclarecido”, condição fundamental para a emancipação do homem.	Sim	A proposta de delimitação do campo da gestão social possui as características da 2ª ruptura epistemológica.
Demo	Discutibilidade	Sim	A proposta de delimitação do campo da gestão social possui discutibilidade, atende aos critérios internos e ao critério externo de cientificidade, além de ter qualidade formal e política.

Quadro 1 – Síntese dos Resultados Relativos aos Critérios de Demarcação e à Proposta de Delimitação do Campo da Gestão Social.

Fonte: Cançado; Pereira; Tenório, 2013, p. 185-186.

Concluem que a proposta apresentada nesta obra se mostra com bom potencial para ser considerada como campo do conhecimento científico por atender a cinco dos sete critérios apresentados. Em relação aos critérios não atendidos, afirmam que depende tão somente da aceitação desse trabalho na comunidade científica para atender aos dois critérios, portanto, “passa-se a atender os critérios de demarcação de Kuhn e Lakatos” (p. 187).

Assim sendo conclui-se que este livro oferece discussões capazes de torná-lo um dos componentes relevantes para o entendimento e o desenvolvimento epistemológico do conceito de gestão social por trazer à luz discussões acerca dos Critérios Teóricos da Gestão Social originados da pesquisa dos trabalhos que trataram deste campo, e por buscar delimitar o conceito como campo do conhecimento científico baseado nos aspectos de delimitação da ciência através de várias perspectivas, como apresentadas resumidamente no Quadro 1.

Recomenda-se a leitura para todo o público interessado na temática e principalmente aos pesquisadores da área, visto que apresenta uma abordagem original sobre a discussão da delimitação científica do campo da gestão social e abre um leque de resultados da leitura, como a refutação da tese, a

corroboração ou a contribuição de novas perspectivas, partindo do princípio de que este não é um trabalho estanque, muito menos conclusivo, pois resumidamente esta obra é uma busca de objetividade para o tratamento conceitual de gestão social.